



STVDIA LUSITANA

4

Ciudad y foro en Lusitania Romana ***Cidade e foro na Lusitânia Romana***

T. Nogales Basarrate (Ed.)



Ciudad y foro en Lusitania Romana
Cidade e foro na Lusitânia Romana

T. Nogales Basarrate (Ed.)

Studia Lusitana

1. M.P. REIS

Las termas y balnea romanos de Lusitania
Mérida, 2004

2. L.J. RODRIGUES GONÇALVES

Escultura romana em Portugal. Uma arte do quotidiano
Mérida, 2007

3. F. TEICHNER

Entre tierra y mar / Zwischen Land und Meer
Mérida, 2008

4. T. NOGALES BASARRATE (ED.)

Ciudad y foro en Lusitania Romana / Cidade e foro na Lusitânia Romana
Mérida, 2009

5. J. DE ALARCÃO; P.C. CARVALHO; A. GONÇALVES (COORD.)

Castelo da Lousa. Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002
Mérida, 2010

6. V. GIL MANTAS

Vías romanas de Lusitania
(en preparación)

7. A. DE MAN

Defesas Urbanas Tardias da Lusitânia
(en preparación)

Ficha técnica

Coordinación: María José Pérez del Castillo y Eugenia López González

Diseño: Ceferino López

El texto y las opiniones de este volumen son responsabilidad de los autores.

Esta publicación se intercambia por otras similares de todos los países con el fin de potenciar la Biblioteca del Museo Nacional de Arte Romano de Mérida.

Para intercambios y suscripciones:

Museo Nacional de Arte Romano
C/ José Ramón Mérida, s/n
06800 Mérida (Badajoz) España
mnar@mcu.es

Pedido de libros:

Asociación Amigos del Museo:
C/ José Ramón Mérida, s/n
06800 Mérida (Badajoz) España
tienda@amigosmuseoromano.org
y a través de: <http://museoarteromano.mcu.es/>

Adquisiciones:

Pórtico Librerías, S.A.
Muñoz Seca, 6
50005 Zaragoza - España
www.porticolibrerias.es

ISBN: 978-84-613-4193-1

Depósito legal: BA-381-2010

Maquetación e Impresión: Artes Gráficas Rejas (Mérida)



JUNTA DE EXTREMADURA
Vicepresidencia Segunda, Consejería de Economía,
Comercio e Innovación
Dirección General de Universidad y Tecnología

Proyecto 3PR05B003

Lusitania romana: investigación para la difusión del pasado cultural del occidente de la Península Ibérica.
Vicepresidencia Segunda y Consejería de Economía, Comercio e Innovación de la Junta de Extremadura.

Proyecto PRI06B286

Foros Romanos de Extremadura. Análisis y Difusión del Patrimonio Extremeño.
Vicepresidencia Segunda y Consejería de Economía, Comercio e Innovación de la Junta de Extremadura.

Proyecto PRI09A140

Arte Romano en Extremadura I. Creación de modelos en el occidente hispano.
Vicepresidencia Segunda y Consejería de Economía, Comercio e Innovación de la Junta de Extremadura.

Índice

- 9 Apresentação.
- 11 *Laudes Urbium Lusitaniae*.
SANTIAGO LÓPEZ MOREDA
- 27 Algumas observações nas construções do foro de *Ebora Liberalitas Iulia*.
THEODOR HAUSCHILD
- 37 Esculturas do fórum de *Ebora*: programa iconográfico.
LUÍS JORGE GONÇALVES y PANAGIOTIS SARANTOPOULOS
- 47 Os *fora* de Bobadela (Oliveira do Hospital) e da *Civitas Cobelcorum* (Figueira de Castelo Rodrigo).
MARIA HELENA SIMÕES FRADE
- 69 Caminhando em redor do *forum* de *Aeminium* (Coimbra, Portugal).
PEDRO C. CARVALHO, DINA CUSTÓDIO MATIAS, ANA PAULA RAMOS ALMEIDA,
CARLA ALEGRIA RIBEIRO, FERNANDO PEREIRA DOS SANTOS y RICARDO COSTEIRA
DA SILVA
- 89 O *forum* de Conimbriga e a evolução do centro urbano.
VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA
- 107 *Collippo*: análise dos espaços públicos.
JOÃO PEDRO BERNARDES
- 121 Das Inscrições em Foros de Cidades do Ocidente Lusitano-Romano.
JOSE D´ ENCARNAÇÃO
- 127 El foro de *Capara*.
ENRIQUE CERRILLO MARTÍN DE CACERES
- 137 Un posible complejo forense de la *colonia Norbensis Caesarina*.
ENRIQUE CERRILLO MARTÍN DE CACERES y TRINIDAD NOGALES BASARRATE
- 167 *Ammaia* e *Civitas Igaeditanorum*. Dois espaços forenses lusitanos.
VASCO GIL MANTAS

- 189 O recinto Forense de *Pax Iulia* (Beja).
MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES
- 201 Caracterização Geral de Miróbriga.
MARIA FILOMENA BARATA
- 231 Foros de *Augusta Emerita*. Modelos en *Lusitania*.
TRINIDAD NOGALES BASARRATE y JOSÉ MARÍA ÁLVAREZ
- 261 El urbanismo del conjunto provincial de culto imperial y del foro de *Augusta Emerita*.
ROCÍO AYERBE, TERESA BARRIENTOS, PEDRO MATEOS, FÉLIX PALMA y ANTONIO PIZZO
- 273 *Agrippina* y la *Concordia Augusti*. Elementos para la interpretación del “foro provincial”
de la *Colonia Augusta Emerita*.
NICOLE RÖRING y WALTER TRILLMICH
- 285 Tanques, fontes e espelhos de água nos *fora* lusitanos.
MARIA PILAR REIS
- 315 Elementos para o estudo dos *fora* das cidades do norte da Lusitânia.
JOÃO L. INÉS VAZ
- 325 O *Forum* de *Seilium/Sellium* (Tomar).
SALETE DA PONTE
- 333 El foro y el templo de *Lancia Oppidana*: nueva interpretación de *Centum Celas* (Belmonte).
AMÍLCAR GUERRA y THOMAS G. SCHATTNER
- 343 Modelos forenses nas cidades da *Lusitania*: balanço e perspectiva.
CARLOS FABIÃO
- 361 Listado de Autores.

Das Incrições em Foros de Cidades do Ocidente Lusitano-Romano

José d'Encarnação
*Centro de Estudos Arqueológicos
das Universidades de Coimbra e Porto*

RESUMO

Referem-se as dificuldades inerentes à identificação de monumentos epigráficos em contexto urbano, atendendo a que muitos terão sido reutilizados na construção de edifícios ou mesmo reduzidos a cal.

Explicitam-se os diferentes tipos de inscrições susceptíveis de figurar num fórum e dão-se exemplos de cidades do Ocidente da Lusitânia romana. De realçar a identificação de um pedestal de estátua equestre em *Pax Iulia* e a função de promoção sociopolítica conseguida através de inscrições de índole funerária (*in memoriam* e *in honorem*), nomeadamente da iniciativa de elementos femininos das famílias notáveis locais.

PALAVRAS CHAVE: Lusitânia romana; epigrafia; estátua equestre; inscrições *in memoriam* ou *in honorem*.

RÉSUMÉE

Il y a des difficultés pour identifier les monuments épigraphiques dans un contexte urbain, étant donné que beaucoup d'eux ont sûrement été remployés dans la construction d'édifices ou même réduits à chaux.

On énumère les différents types d'inscriptions susceptibles de figurer dans un *forum* et on en donne des exemples de villes de l'Occident de la *Lusitania* romaine. On met en évidence l'identification d'un piédestal de statue équestre à *Pax Iulia* et la promotion sociopolitique obtenue à travers d'inscriptions funéraires (*in memoriam* e *in honorem*), notamment de l'initiative des éléments féminins des familles notables locales.

MOTS CLÉ: Lusitanie romaine; épigraphie; statue équestre; inscriptions *in memoriam* ou *in honorem*.

Como abordar este tema? Fazer o catálogo exaustivo das epígrafes mui provavelmente preparadas para figurarem no fórum de cada uma das cidades do Ocidente lusitano? E há cidades cujo fórum se conhece; outras cujo fórum se imagina; outras, ainda, cujo fórum... tê-lo-iam? Poderia ter sido aqui ou ali, os arqueólogos conjecturam... Aliás, se um domínio há em que Epigrafia e Arqueologia têm de dar as mãos, este é seguramente um deles.

Nova dificuldade: a descontextualização. Raríssimas são as epígrafes de *fora* encontradas *in situ*. Em Pompeios, excepcionalmente. Num fórum como o de Conímbriga, registavam-se indícios no solo, em negativo, e isso permitiu, na maqueta, incluir os socos em que essas epígrafes assentariam. A elegante placa de arenito esverdeado, em jeito de paralelepípedo rectangular (33 x 44 x 10 cm) que ostenta a inscrição da oferta do *orarium* à *civitas Igaeditanorum* foi, necessariamente, colocada no fórum, junto ao próprio relógio, *loco adsignato per magistratos*, «no lugar indicado pelos magistrados» (Sá, 2007, p. 61).

E que destino, afinal, terão tido as epígrafes destinadas ao fórum urbano?

De mármore a maior parte delas, certamente agarraram os homens nelas, mais tarde, e decidiram transformá-las noutra matéria-prima mais urgente então: a cal – para a caiação, para a consumpção de cadáveres...

Depois, paralelepípedicos, blocos perfeitos, mesmo à medida... lá foram incorporados, inteiros ou em pedaços... nas paredes dos imóveis e dos monumentos em construção. Para quê ir às pedreiras, dar-se ao trabalho de cortar a preceito, carregar, transportar... se tudo estava ali à mão de semear!?!...

Por vezes, um que outro espírito mais esclarecido ou mais temente a Deus achou que tais letreiros poderiam assumir significado místico, mágico quiçá, artes demoníacas poderiam desencadear. O melhor era, pois, deixá-los bem à vista – não fosse o Diabo tecê-las!...

De vez em quando, considerou-se que sim, que essas letras detinham importância fundamental

e que, inclusive, era fundamental que se desse conta do contexto original do achado. Mas, também aqui a dificuldade subsiste, porque lia-se o texto e nem sequer se punha a questão de nos interrogarmos: afinal, qual é a tipologia do monumento em que esta epígrafe está? E se num texto de Braga dedicado a Júpiter (CIL II 2415) se suspeita, de imediato, que «aquilo» é duma ara, já na epígrafe de Santiago do Cacém dedicada a Esculápio (IRCP 144) pensámos, à primeira vista e durante muito tempo, que estávamos claramente perante uma placa. Qual não foi, pois, o nosso espanto quando nos saiu uma ara monumental (Encarnação, 1993, p. 316-317, e 1996, p. 137-139)! E interrogámo-nos logo: «Donde é que veio esta pedra?» Uma ara monumental (com 1,08 m de altura) (**fig. 1**) ainda por cima a explicitar que um *medicus Pacensis* legou em testamento uma verba para que, anualmente, as festas em honra de Esculápio não deixassem de se fazer ali! Dado que se fala de *ordo* e tudo se reveste – ou parece revestir-se – de um carácter oficial, será que o altar não deveria ter figurado em lugar de relevo no fórum daquela cidade?



Fig. 1. IRCP 144 (Foto de Guilherme Cardoso).

O inimigo foi sempre o camartelo, que destruía ornamentos (baixos-relevos, toros, molduras...). Por exemplo, adoraríamos retirar da muralha aquela inscrição de Braga, tão estranha, a falar de *conditum sub...*, expressão relacionável com *fulgur*, o raio fundador... (Encarnação, 1993, p. 321-323). Se calhar, vamos ter uma desilusão das maiores, porque... o camartelo destruiu o que não era linear e causava engulhos ao pedreiro – parte-se, pronto!...

Surpresa foi também a que se apoderou de nós quando nos apercebemos ser base de pedestal de estátua sentada – como outras que se conhecem – a dedicatória feita a Agripina pela *civitas Aruccitana* (Encarnação, 2007, p. 358-361). Este, sim, monumento a figurar no fórum, não há dúvida. Como a maioria das epígrafes a imperadores quer sejam cipos quer altares quer de templos: o cipo a Aureliano, de *Ossonoba* (IRCP 4); a placa de *Pax Iulia* a Lúcio Vero (IRCP 291), os votos dos Amaienses (IRCP 615 e 616), a placa a Aureliano, de Santiago do Cacém (IRCP 149); a dedicatória a Augusto consagrada por Vicano (IRCP 184 e Encarnação, 1993b, p. 314-315); a homenagem a Antonino da iniciativa de um destacado membro da elite coliponense (Bernardes, 2007, p. 207-208); a placa mandada lavrar em honra de ... pela *civitas Aeminiensis*... (Encarnação, 1979, p. 173-176).

Nessa linha de pensamento se integra a dedicatória a Gaio César, da *civitas Igaeditanorum*, passível de inserir-se num pensado programa propagandístico e político gizado pelo imperador Augusto (Encarnação, 2007, p. 352-355). As estátuas dos netos, seus possíveis futuros sucessores!...

A tipologia dos monumentos: uma dificuldade em contexto de reaproveitamento urbano, uma evidência a minuciosamente observar em todos os pormenores.

Quando estudei o monumento a *C. Iulius Pedro* (IRCP 239), mandado erguer pela *plebs* de *Pax Iulia* ao benemérito flâmine que, a expensas suas, supriu as dificuldades de abastecimento (*annonam inlata pecunia adiutam*), chamou-me a

atenção o inusitado das suas dimensões, a epígrafe a figurar como que no topo de um enorme soco paralelepípedo (85 x 57 x 160 cm) (**fig. 2**) e escreveu:

«Pedestal de estátua? São impressionantes as dimensões do monumento, sobretudo a sua espessura. Abel Viana, atendendo à forma e à reentrância existente em todo o comprimento, do lado esquerdo, à maneira de degrau, comenta: «Devia ter sido soco de grande monumento, ou silhar da entrada de um pórtico» (IRCP, p. 312, n. 2).

Pus-me a questão e não a soube resolver. Descobri-lhe a solução agora, no Colóquio Borghesi de Bertinoro (Junho de 2007), ao ouvir a comunicação de Giovanni Mennela sobre a inscrição CIL V 7458 (Hasta, IX Regio) em que inferiu – pela dimensão da peça – a sua qualidade de «trapezóforo», ou seja, de pedestal de estátuas equestres. Fez-se luz: o bloco dedicado a Gaio Júlio Pedão teve uma estátua equestre. De bronze dourado, como aquela de que, em Braga (*Museu...*, 2005, p. 90 e 91), temos apenas uma pata de cavalo? Porque não? E o bronze se derreteu para dele outros artefactos ganharem forma. Ou de mármore – que abundava não muito longe, nas pedreiras de Vila Viçosa – e tudo, um dia, veio a transformar-se em cal...



Fig. 2. IRCP 239 (Foto de Delfim Ferreira).

E o fórum era isso mesmo, local de celebração – dos deuses e dos heróis. E dos que aspiravam a sê-lo, por localmente se terem distinguido. Homenageados pela população, explicitados os motivos – como no caso de Hímero, de *Salacia* (IRCP 187); ou do *Bocchus* cuja inscrição de homenagem feita pela *colonia Scallabitana* foi achada na Quinta da Sempre Noiva, e que não se sabe donde é (IRCP 185); ou do flâmine de *Ossonoba* (IRCP 7); ou o desconhecido, honrado também em *Ossonoba* (IRCP 10) por um punhado de libertos... Actores e autores eles próprios de acções beneméritas para, assim, a sua memória se não perder, nomeadamente se sacerdote do culto imperial, em que o cumprimento de promessas eleitorais serve de perfeito álibi para ainda hoje os recordarmos:

- *Iulia Modesta*, flamínia de Bobadela (Oliveira do Hospital) (Amaral, 1982, p.106-119);
- *Flavia Rufina*, flamínia da província da Lusitânia e flamínia perpétua da colónia emeritense e do *municipium Salaciense* (IRCP 183), cujo monumento (uma dedicatória a Júpiter) foi achado num local de ampla conotação sagrada até aos nossos dias, mas não nos repugna que, inicialmente, figurasse algures no fórum de *Salacia*;
- os dois sêxviro cujos nomes ficaram gravados no lintel do templo de *Ossonoba* (IRCP 11);
- *Annius Primitivus*, tão celebrado e conhecido em *Balsa* (IRCP 73)...

Não poderia, porém, terminar sem uma reflexão complementar, que se me afigura de interesse, ainda que possa, algures, suscitar algumas perplexidades.

E baseio-me no facto de, na actualidade, a homenagem a vultos de renome nacional e internacional raramente passar pela erecção de uma estátua mas se consubstanciar, predominantemente, no descerramento de uma lápide em edifício com eles relacionados («Nesta casa viveu...») e, de modo mui especial, no nome dos arruamentos, onde ombreiam ao mesmo nível, com mais ou menos literatura explicativa, os homens públicos e os notáveis locais...

Numa sociedade em que a política amiúde se servia da religião (e vice-versa, como agora!), não admira que a religião e o culto dos mortos fossem pretexto para não deixar cair no olvido famílias de vulto no contexto local. Por outro lado, numa sociedade em que o homem gozava de protagonismo, a mulher poderia usar de todos os estratagemas para aparecer na cena pública, sob a capa dessa mesma religião e a honrar os seus mortos (Encarnação 2005). E esse é o meu pressentimento: todas as epígrafes *in memoriam* dedicadas a uma divindade, nada mais são do que pretexto para esse enaltecimento social – a ser feito em lugar público, de que o fórum se afigura ser o mais adequado.

Assim interpreto a grande ara (**fig. 3**) a *Serapis Pantheus*, de *Pax Iulia* (IRCP 231 e Encarnação, 1993, p. 64); a dedicatória a Vénus, de *Mirobriga* (IRCP 147); o cipo a Mercúrio Aqueco, de S. Pedro do Sul, dedicado pelo pai e pela mãe *in honorem* do filho (Encarnação, 1987, p. 27). Aliás, o bloco de Bobadela, hoje no Museu Municipal de Arganil, que Regina Anacleto (1981, p. 55-62) interpretou como sendo dedicado a um presumível sacerdote de Roma e de Augusto, poderá igualmente incluir-se nesta série, se atentarmos na identificação dos dedicantes como *parentes* e o uso da fórmula *de* (ou *ex*) *patrimonio suo*, outras vezes documentada na zona, designadamente nas inscrições dos templetos mandados erigir por *C. Cantius Modestinus* (Mantas, 1992).

Neste aspecto, de utilização dos monumentos funerários em lugar público, *Balsa* a todos parece sobrelevar – pelo menos, até ao momento – porquanto dois dos seus monumentos de índole aparentemente funerária visam perpetuar a memória de famílias importantes, masculina e feminina. Assim há-de interpretar-se o que *Faustina* fez a seu irmão, T. Mânlio Faustino, duúnviro por duas vezes, monumento em que a posição e o relevo dado ao D · D pretende ambiguamente insinuar o carácter oficial da homenagem (IRCP 79); e o solene cipo (IRCP 80) que amigos mandam erigir a T. Rutílio Tusciliano, apontando-o como neto dum T. Mânlio (Encarnação, 2003).



Fig. 3. IRCP 231 (Foto de Delfim Ferreira).



Fig. 4. IRCP 381 (Foto de Delfim Ferreira).

Neste âmbito, o papel da mulher não deixa de ser preponderante. Veja-se um caso paradigmático (Étienne et Fabre, 1972): a homenagem que, em Conímbriga, Turrânia Rufina presta ao seu irmão, sendo curadores o cunhado e o sogro, por testamento!

E os testemunhos de *Ammaia* vão no mesmo sentido: veja-se, p. e, IRCP 617 (e Mantas, 2004, p. 100-104) que é *Propinia Severa* quem homenageia o *maritus optimus*, *C. Iulius Vegetus*, flâmine da província da Lusitânia.

Confesso, ainda, que continuo a ter alguma dificuldade em aceitar, sem mais, que a placa (IRCP 382) mandada lavar por *Calpurnia Sabina* ao seu marido e aos filhos – falecidos no exercício das suas magistraturas senatoriais – seja verdadeiramente, na sua origem, a placa de um cenotáfio, a ser implantado na *villa* de Tourega, donde foi exumada.

E também por isso tenho dúvidas se o magnífico altar (fig. 4) de Catídia Aciliana para Canídia Albina, mãe do seu primo irmão, Catídio

Canidiano (IRCP 381), se destinava simplesmente a um contexto funerário. É que, veja-se bem, o pretexto para se perpetuar a memória doutra família senatorial, a Canídia, com que estava intimamente ligada, não pode ser mais evidente!...

Nem tudo serão certezas, mormente quando a investigação não logrou ainda definir ambientes urbanos onde tudo parece apontar para a ruralidade.

E se o altar da *Civitas Cobelcorum* (Frade, 1998), assim como outros altares cujo dedicante é um colectivo, os *vicani* de determinado lugar, não seriam despidiendos num fórum de características singulares (não necessariamente ao jeito de Roma ou das grandes capitais), já Amílcar Guerra (1989) se interrogou sobre o contexto original passível de atribuir-se ao bloco arquitectónico que identificou em S. Romão (Seia), inusitadamente grafado, em pleno dealbar do século III, à boa maneira do I século e com identificação à moda indígena.

Em suma:

- 1º) A continuada ocupação dos sítios urbanos determinou a reutilização de muitas das epígrafes que ainda no séc. III poderiam estar nos *fora* citadinos. À Arqueologia Urbana cumpre, hoje, um papel fundamental na recuperação desses documentos do passado.
- 2º) No fórum romano, além das inscrições «monumentais» (em lintéis e em fachadas), havia cipos honoríficos e pedestais inscritos. E o registo de eventos patrocinados por notáveis visava também essa finalidade promocional.
- 3º) Cipos *in memoriam* ou *in honorem* dedicados a divindades terão funcionado amiúde como meio de eficaz promoção político-social.

Que o fórum – local de celebração, o coração da «cidade» – sem inscrições não poderia viver. Ontem, como hoje! Por isso, no arco triunfal do Terreiro do Paço, em Lisboa, pensado como centro cívico maior da urbe, debruçada sobre o Tejo, reza a inscrição que tudo aquilo se fez *ut sit omnibus documento*, «para que a todos sirva como documento»!

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, A., 1982: “Sobre três inscrições perdidas da Bobadela (Oliveira do Hospital)”, *Conimbriga*, XXI, p. 101-126.
- ANACLETO, R., 1981: *Bobadela Epigráfica*, Coimbra.
- BERNARDES, J. P., 2007: *A Ocupação Romana na Região de Leiria*, Universidade do Algarve, Faro.
- ENCARNAÇÃO, J. D’, 1979: “Notas sobre a epigrafia romana de Coimbra”, *Actas das I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*, Coimbra, p.171-180.
- ENCARNAÇÃO, J. D’, 1987: “Divindades indígenas da Lusitânia”, *Conimbriga*, XXVI, p. 5-37.
- ENCARNAÇÃO, J. D’, 1993a: “Decreto *decurionum*. Algumas notas sobre o mecanismo decurionário municipal na Hispânia romana”, *Ciudad y Comunidad Cívica en Hispania – Siglos II y III d. C.*, Madrid, p. 59-64.
- ENCARNAÇÃO, J. D’, 1993b: “Arqueologia e Epigrafia: uma complementaridade a potenciar”, *TAE*, XXXIII (1-2), p. 313-327.
- ENCARNAÇÃO, J. D’, 1996: “Problemas em aberto na epigrafia mirobrigense”, *Conimbriga*, XXXV, p. 129-146.
- ENCARNAÇÃO, J. D’, 2003: “Quão importantes eram as gentes!...”, *Tavira – Território e Poder*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, p. 95-104.
- ENCARNAÇÃO, J. D’, 2005: “Mães e filhos passando por entre epígrafes”, *El Conocimiento del Pasado. Una Herramienta para la Igualdad* (M^a C. Sevillano San José *et alii*, eds.), Salamanca, p. 101-113.
- ENCARNAÇÃO, J. D’, 2007: “O culto imperial na epigrafia da Lusitânia ocidental: novidades e reflexões”, *Culto Imperial: Política y Poder* (T. Nogales e J. González, edits.), Roma, p. 349-367.
- ÉTIENNE, R. et FABRE, G., 1972: “C. Turranius Rufus de Conimbriga”, *Conimbriga*, XI, p. 193-203.
- FRADE, H., 1998: “Ara a Júpiter da *civitas Cobelcorum*”, *Ficheiro Epigráfico*, 58, nº 266.
- GUERRA, A., 1989: “Uma importante epígrafe proveniente do Cabeço do Crasto (S. Romão, Seia)”, *Actas do I Congresso Arqueológico de Viseu*, Viseu, p. 425-430.
- IRCP = ENCARNAÇÃO, J. D’, 1984: *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização*, Coimbra. [O número indica o nº da inscrição no catálogo].
- MANTAS, V. G., 1992: “Evergetismo e culto oficial: O construtor de templos C. Cantius Modestinus”, *Religio Deorum*, Barcelona, p. 239-241.
- MANTAS, V. G., 2004: “Novidades epigráficas de Ammaia (S. Salvador de Aramenha, Marvão)”, *Au jardin des Hespérides. Histoire, société et épigraphie des mondes anciens. Mélanges offerts à A. Tranoy*, (C. Auliard et L. Bodiou, eds.), Rennes, p. 87-105.
- MUSEU D. DIOGO DE SOUSA – ROTEIRO, 2005: Instituto Português de Museus, Lisboa.
- SÁ, A., 2007: *Civitas Igaeditanorum: os Deuses e os Homens*, Idanha-a-Nova.